



O Espaço Imaginado: Percurso, Circuitos e Conexões

Rosane Cantanhede

Artista visual. Mestra em Ciência da Arte/UFF
Professora de Artes Visuais do IFRJ,
Campus São Gonçalo
rosanecantanhede@gmail.com

O Perambular

O ato de percorrer espaços, de circular na condição de observador, coletando e registrando imagens, buscando detalhes ínfimos que se destacam no horizonte do olhar, constitui a matéria-prima para abastecer uma espécie de arquivo pessoal, um acervo para recorrer no momento de desenvolver uma ideia, um projeto. Em linhas gerais, as ideias surgem quase sempre após as andanças pela cidade, *“tentativa paciente de reorganizar o uso de elementos visuais pertencentes à vivência da realidade objetiva, como fragmentos das experiências humanas, científicas, tecnológicas, urbanas...”* (CASTILLO, 2003). Essas vivências quase sempre trazem imagens coletadas ao longo do movimento cotidiano, de onde emergem fragmentos de situações como arquivos de memória.

Partindo desses movimentos, nas últimas décadas, vimos desenvolvendo projetos que seguem em busca da construção desses percursos, conectando áreas e sugerindo um tempo na formação de mapas sobre os quais se materializam imagens que, de maneira particular, exploram circuitos aleatórios, pontos de convergência ou, ainda, conexões e encontros que se organizam como feixes de atração e repulsão. Fazem uso de camadas de eventos e de linhas que sugerem movimentos, fundem e costuram o espaço por onde o tempo tece mapas sobre os quais se materializam quase desenhos, quase pinturas, ou ainda gravuras que nunca chegam a se reproduzir. São pontos que se baseiam na ideia do deslocamento engendrando movimentos por onde brotam ramificações, idas e vindas, entradas e saídas na liberação de múltiplos fluxos, *“as multiplicidades se definem pelo fora: pela linha abstrata, linha de fuga ou desterritorialização, segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras.”* (FELIX, GUATTARI,1995:17).

Paisagem Urbana – Circuitos e Conexões

Plano, território, paisagem, mapas, circuitos e conexões constituem o foco dos trabalhos intitulados, “*Como Mover ou parar um Carro Preto*” e “*Circuitos Locais*”. No primeiro, a geometria estrutura teias que se espalham em todas as direções e de onde surgem endereços não catalogados, zonas de convergência, agrupamentos aqui e acolá em incessante movimentação. Sob a orientação destas coordenadas, se formam redes de contato que “espalha-se como manchas de óleo”. (MALMBERG, apud DELEUZE; GUATTARI, 1995)

“Circuitos Locais” é o desdobramento dessa investigação. Transita entre o desenho e a gravura, e traz as marcas dos contornos ou relevos da geografia local aos quais se liga por linhas que buscando estabelecer uma rede de conexões randômicas. Aponta, para relações espaço-temporais através dos circuitos, e por meio da materialidade das placas fenolite (definidas tecnicamente como semicondutores individuais). Nestas, minicircuitos sugerem pequenos territórios que, conectados aos fios de cobre, tentam estabelecer um circuito orgânico de comunicação, à maneira de cadeias rizomáticas¹.

(...) qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo (...) cada traço não remete necessariamente a um traço linguístico: cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc., colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também estatutos de coisas. (DELEUZE; GUATTARI, 1995:15)

Cada placa é um ponto, uma área inspirada em relevos da paisagem urbana local. A energia sugerida pela materialidade do cobre traduz uma metáfora das redes de comunicação urbana, via internet, e outras tantas que conectam grupos e pessoas a todo o momento.

Considerando as distâncias entre os territórios e seus percursos possíveis, os fios de cobre costumam essas conexões, criando pontes, construindo um fluxo de comunicação entre os territórios impressos, instigando o observador a acionar os diversos percursos

de conexões randômicas, como meio de desenhar uma nova cartografia. A partir daí, uma rede se constrói na organicidade dos circuitos integrados híbridos que, em contraste com a aparente rigidez das placas de metal e, na própria singularidade de cada imagem gravada, atravessam aleatoriamente os limites desse espaço em alusão às observações e vivências do cenário urbano, das relações de ocupação territorial, das tensões, comunicações, trocas... De modo que, o trabalho vai se fazendo e se desfazendo o tempo todo aos olhos do observador.

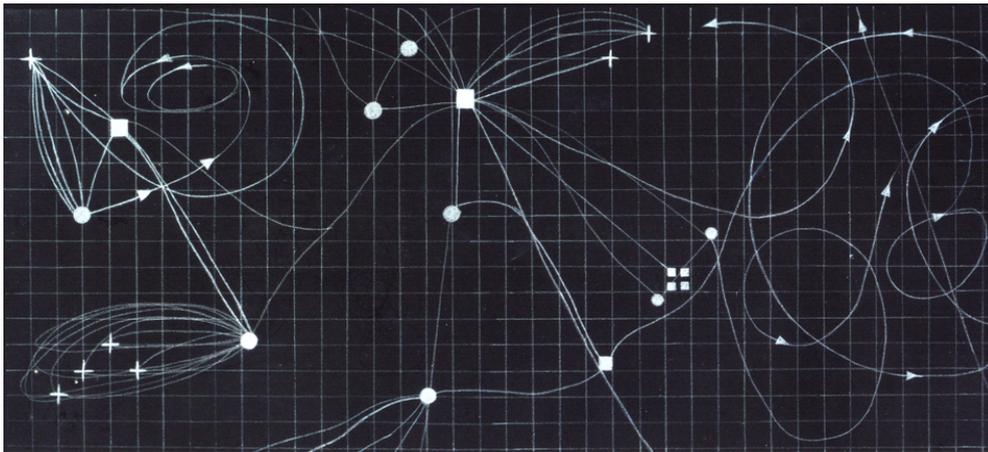


Figura 1: *“Como Mover ou parar um Carro Preto”*, lápis dermatográfico sobre tela, 2003. Foto: Cícero Rodrigues.



Figuras 2: Instalação *“Circuitos Locais”*, (detalhe), desenho em placa de fenolite, e fios de cobre, dimensão aproximada 0,20 X 0,30 m. Foto da autora.

Tempo e Imagem

Imagens são mediações entre homem e mundo.

(Flusser, V. 2011:23)

Com o propósito de subverter o “aparelho fotográfico”², nossas pesquisas seguiram para a investigação de novos processos de captura e processamento da imagem na perspectiva do cotidiano urbano, privilegiando as relações, conflitos e tensões entre o desenho da arquitetura das cidades e a alteração dessa paisagem sob a ação do tempo. Partindo de fotografias coletadas ao acaso, e que, a posteriori receberam manipulação digital e a incorporação de outros meios e técnicas com a finalidade de alterar a imagem original, ancoramos nossas pesquisas na ideia da fotografia expandida³, tendo como métodos exploratórios a manutenção dos rastros de situações vividas, eventos, ou ainda, alguns fragmentos do cotidiano.

Como testemunha ocular da ação do tempo, destacamos dois projetos que buscam problematizar relações espaço-temporais apontando para outras formas de se pensar a imagem. Desse movimento surgiram o projeto de instalação “Pêlo Averso”⁴ (2003) e a série “Trânsitos Urbanos” (2014/2015), ambos partem de vivências registradas pelo aparelho fotográfico (analógico e digital) com o propósito de criar cadernos de memórias visuais.

São conjunto de espaços, vias de circulação, percursos entre cidades, interiores e pontos de observação por onde capturamos os passantes, assim como, a paisagem urbana em constante transformação.

O projeto “Pêlo Averso” subverte o espaço-vitrine em sua função original, deixando de ser um espaço destinado à exposição de objetos inanimados para se manifestar como um ambiente potencialmente aberto às relações externas, ou ainda, como um espaço ativo de comunicação entre o dentro e o fora, entre o “aqui” é o “aí”. O processo criativo estabeleceu um diálogo visual com os transeuntes, que, vez por outra, também assumiam a posição de observadores. As superposições das imagens coletadas em fotografia analógica nos trouxe a revelação dessa memória, os detalhes dessa vivência no contato com pessoas que cruzaram nosso olhar, ou ainda, de eventos observados, e até

os esquecidos. O processo, de edição digital e impressão, revela os vestígios de espaços e de situações, convocando-nos para um encontro fora do tempo. Em uma etapa final, aderiram à superfície do vidro para que os passantes, agora, pudessem se ver, se reconhecer, para que este espaço retornasse a sua condição original de vitrine.



Figuras 3 e 4: Vista da Instalação “Pêlo Averso”, Estúdio Dezenove, Rio de Janeiro, 2003; fotografia digitalizada, impressão sobre transparência, 0,21 x 0,29 cm. Fotos da autora.

A obsessão pelo tempo se acentua em “Trânsitos Urbanos”, quando a coleta de imagens resulta em um vasto acervo fotográfico digital de viagens e movimentos do cotidiano. Interferindo no processo de impressão e interrompendo os métodos de reprodutibilidade fotográfica, o processo de labor almejou refletir uma paisagem única que condensasse cada um desses instantes. Partindo desse processo de experimentação, o trabalho abusou de gestos repetitivos, de camadas superpostas e de uma materialidade etérea com resultados imprevisíveis, reforçando o processo dos acontecimentos em constante transformação. Des-territorializações e re-territorializações na velocidade das relações e conflitos urbanos, novos modos de perceber essa paisagem algo que pode ser construído o tempo todo.



Figura 5: “9.2 Camadas de Tempo” da Série *Trânsitos Urbanos*;
fotografia digitalizada, 2014.

Notas

¹ O conceito de rizoma é derivado da Botânica, e consiste na extensão do caule que une sucessivos brotos. Segundo DELEUZE e GUATTARI, “um rizoma com haste subterrânea distingue-se absolutamente das raízes e radículas. Os bulbos, os tubérculos, são rizomas.” (1995:15).

² Vilém Flusser, define “aparelho fotográfico”: como “brinquedo que traduz pensamento conceitual em fotografia”. Para o autor, “O decisivo em relação aos aparelhos não é quem os possui, mas quem esgota seu programa”, ou seja, “aparelhos são caixas pretas que simulam o pensamento humano, graças a teorias científicas, as quais, como o pensamento humano, permutam símbolos contidos em sua “memória”, em seu programa. Caixas pretas que brincam de pensar”.

³ A denominação “fotografia expandida” tem como base teórica os textos de Rosalind Krauss (A escultura no campo ampliado) e de Gene Youngblood (cinema expandido), contudo, Vilém Flusser foi quem melhor explorou a ideia de uma fotografia expandida em seu livro “Filosofia da Caixa Preta”. Segundo Flusser, o artista que trabalha nesta perspectiva segue categorias visuais não previstas na concepção do aparelho, ou seja, é ele quem inventa o seu processo e não segue um programa pré estabelecido.

⁴ “Vitrine Efêmera é um projeto que propõe intervenções de artistas periodicamente na vitrine do Estúdio Dezenove. O conceito de site specific é o mote da proposta, os artistas são convidados a pensar a relação da sua pesquisa pessoal com esse espaço e a realidade em que se insere”. Vem sendo produzido desde 1998, sob a coordenação artista plástico Júlio Castro.

Referências Bibliográficas

BENJAMIM, Walter; *“A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica”*, In: **Teoria da Cultura de Massa**. ADORNO, Theodor W.; LIMA, Luiz Costa (Org.). 7a. edição São Paulo: Editora Paz e Terra, 2010. 364 p

CASTILLO, Sonia Salcedo Del. *“Interconexões: Texto de apresentação da exposição individual”*. Rio de Janeiro: Galeria Lana Botelho, 2003.

CANTANHEDE, Rosane. **Pêlo Averso: Processos Criativos**. 2005. 36 f. Monografia (Graduação) - Curso de Licenciatura em Educação Artística, Departamento de Licenciatura em Educação Artística, Centro Universitário Metodista, Rio de Janeiro, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol.1. 1ª. Edição (6ª. Reimpressão – 2009). São Paulo: Ed. 34, 1995. 96 p.

ESTÚDIO DEZENOVE (Rio de Janeiro). Julio Castro (Org.). **Vitrine Efêmera**. Galeria de Arte. Disponível em: <<http://www.estudiodezenove.com/vitrine-efecircmera.html>>. Acesso em: 13 fev. 2013.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da Caixa Preta: Ensaios para uma Futura Filosofia da Fotografia*. São Paulo: ANNABLUME Editora, 2011.